

**FERRAMENTAS DE
APRENDIZAGEM EM FINANÇAS
COMO METODOLOGIA ATIVA NO
ENSINO SUPERIOR:
CONTRIBUIÇÕES PARA A
FORMAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO E
CONTABILIDADE**

FINANCIAL LEARNING TOOLS AS AN
ACTIVE METHODOLOGY IN HIGHER
EDUCATION: CONTRIBUTIONS TO
EDUCATION IN BUSINESS
ADMINISTRATION AND ACCOUNTING

Autor 1¹ IGOR DIAS DA SILVA,
igordias953@gmail.com.

Autor 2 EDILENE OTONI PINA,
edileneopina@gmail.com.

Autor 3 CHAIANE REBECA SILVA DE
SOUSA,

chaianerebecasilvadesousa@gmail.com.

Autor 4 FABRÍCIO SANTANA OLIVEIRA
SANTOS, fs.ufmg@gmail.com.

Resumo: Este artigo discute o uso de ferramentas de aprendizagem em finanças no ensino superior, com foco em cursos de Administração e Contabilidade. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, qualitativa e descritiva, construída a partir de estudos sobre educação financeira, jogos empresariais e inovação pedagógica. A revisão mostra que recursos de fácil acesso, como simuladores, planilhas, calculadoras financeiras e jogos educacionais, podem aproximar conteúdos abstratos de situações práticas vividas pelos estudantes, favorecendo o raciocínio aplicado e a tomada de decisão. Também se observou que a adequação ao nível da turma e à infraestrutura disponível interfere diretamente no aproveitamento das atividades. Conclui-se que tais instrumentos contribuem para a aprendizagem quando são empregados de forma intencional, com mediação do professor e coerência entre recurso, conteúdo e avaliação.

Palavras-chave: Competências decisórias. Planejamento docente. Adaptabilidade.

Abstract: This article discusses the use of financial learning tools in higher education, with a focus on Business Administration and Accounting programs. It is a bibliographic,

qualitative, and descriptive study based on research on financial education, business games, and pedagogical innovation. The review suggests that accessible resources, such as simulators, spreadsheets, financial calculators, and educational games, can bring abstract content closer to practical situations experienced by students, thereby supporting applied reasoning and decision-making. The findings also indicate that the level of the class and the available infrastructure directly affect the quality of the activity. It is concluded that these tools contribute more effectively to learning when they are used intentionally, with teacher guidance and clear alignment among resource, content, and assessment.

Keywords: Decision-making competencies. Instructional planning. Adaptability.

1 INTRODUÇÃO

Nos cursos de Administração e Contabilidade, é comum que os conteúdos de finanças sejam percebidos pelos estudantes como densos, técnicos e, em muitos casos, distantes da experiência imediata de sala de aula. Assuntos como risco, retorno, orçamento, estrutura de capital, valor do dinheiro no tempo e análise de investimentos exigem abstração e capacidade analítica, o que nem sempre se consolida apenas com exposição oral e listas de exercícios. Diante disso, ganha relevância a adoção de estratégias que traduzam esses conceitos em situações mais concretas e que favoreçam uma aprendizagem participativa, reflexiva e vinculada à prática.

No Brasil, os estudos sobre educação financeira mostram que aprender finanças envolve mais do que memorizar conceitos,

fórmulas ou procedimentos operacionais. Trata-se também de desenvolver condições para interpretar dados, estabelecer prioridades, comparar alternativas e sustentar decisões. Savoia, Saito e Santana (2007) ressaltam esse alcance formativo e social da educação financeira. Já os trabalhos de Potrich, Vieira e Ceretta (2013), Potrich, Vieira e Kirch (2015), Vieira, Moreira Junior e Potrich (2019) e Abreu, Delfino e Araújo (2024) indicam que os estudantes chegam ao ensino superior com níveis bastante distintos de repertório financeiro, o que reforça a responsabilidade da universidade na ampliação desse aprendizado.

É nesse ponto que as ferramentas de aprendizagem em finanças ganham relevância. Em sala de aula, recursos como carteiras virtuais, planilhas de fluxo de caixa, calculadoras financeiras, quizzes e jogos educacionais ajudam a deslocar o estudante de uma postura apenas receptiva para outra mais ativa. Em vez de somente repetir fórmulas, ele passa a testar cenários, comparar alternativas, observar consequências e justificar suas escolhas com base em dados. A discussão proposta neste artigo parte justamente dessa aproximação entre conteúdo financeiro e experiência pedagógica, buscando compreender como tais recursos podem favorecer a aprendizagem no ensino superior.

Diante desse cenário, o artigo toma

como questão central saber de que modo essas ferramentas podem contribuir para a formação de estudantes de Administração e Contabilidade. O objetivo geral é analisar seu potencial didático quando integradas a estratégias de metodologia ativa. Como desdobramentos, procura-se relacionar esses recursos à educação financeira, discutir como ampliam participação e reflexão em sala e indicar cuidados pedagógicos para sua adoção em disciplinas da área.

2 MATERIAL E MÉTODOS

Metodologicamente, o estudo consiste em uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa e caráter descritivo-analítico. Essa escolha se mostrou adequada porque o objetivo não foi medir resultados em campo, mas reunir e interpretar contribuições já consolidadas na literatura sobre educação financeira, alfabetização financeira, ferramentas digitais e ensino de finanças no contexto brasileiro. Para compor a revisão, foram priorizados artigos de autores brasileiros publicados em periódicos científicos que tratam do ensino superior e do uso pedagógico de metodologias ativas, simulações, jogos e outros recursos educacionais aplicados à formação financeira. A leitura do material foi organizada em três eixos: educação financeira no percurso universitário; contribuições das ferramentas para a aprendizagem; e implicações pedagógicas de seu uso em disciplinas de Administração e Contabilidade.

A síntese procurou evidenciar aproximações, limites e possibilidades recorrentes nesses estudos.

2 MATERIAL E MÉTODOS

Metodologicamente, o estudo consiste em uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa e caráter descritivo-analítico. Essa escolha se mostrou adequada porque o objetivo não foi medir resultados em campo, mas reunir e interpretar contribuições já consolidadas na literatura sobre educação financeira, alfabetização financeira, ferramentas digitais e ensino de finanças no contexto brasileiro.

Para compor a revisão, foram priorizados artigos de autores brasileiros publicados em periódicos científicos que tratam do ensino superior e do uso pedagógico de metodologias ativas, simulações, jogos e outros recursos educacionais aplicados à formação financeira. A leitura do material foi organizada em três eixos: educação financeira no percurso universitário; contribuições das ferramentas para a aprendizagem; e implicações pedagógicas de seu uso em disciplinas de Administração e Contabilidade. A síntese procurou evidenciar aproximações, limites e possibilidades recorrentes nesses estudos.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Educação financeira e formação

acadêmica

O ensino de finanças, no âmbito universitário, não se resume ao simples treinamento de cálculos. Espera-se que o estudante desenvolva a capacidade de interpretar cenários, comparar alternativas, decidir com base em critérios e compreender os efeitos econômicos de suas escolhas. Nessa perspectiva, educação financeira e ensino de finanças se aproximam, pois ambos demandam competências ligadas à análise, ao julgamento e à justificação das decisões.

Os estudos de Potrich, Vieira e Ceretta (2013) e de Potrich, Vieira e Kirch (2015) mostram que a alfabetização financeira entre universitários é influenciada por fatores educacionais e socioeconômicos. Tal constatação ajuda a compreender por que os estudantes ingressam nas disciplinas da área com repertórios distintos. Abreu, Delfino e Araújo (2024) reforçam essa leitura ao indicar que a instituição de ensino pode ampliar o conhecimento financeiro e favorecer práticas decisórias mais consistentes.

3.2 Ferramentas gratuitas de aprendizagem em finanças como metodologia ativa

Quando inseridas em atividades previamente planejadas, as ferramentas de aprendizagem em finanças deixam de ser apenas apoio tecnológico e passam a

integrar situações de experimentação. Nelas, o estudante manipula variáveis, acompanha resultados, observa consequências e precisa explicar o caminho que o levou a determinada decisão. Nesse sentido, a aprendizagem se afasta da simples recepção de fórmulas e se aproxima de um processo em que interpretar, comparar, revisar e argumentar se tornam movimentos centrais.

Santos (2003), ao tratar dos jogos de empresas no ensino de contabilidade, já apontava a capacidade da simulação de articular conteúdos e problemas gerenciais. Motta e Quintella (2012) registraram a presença crescente de jogos e simulações nos cursos de Administração, enquanto Mrtvi *et al.* (2017) consolidaram o tema como objeto legítimo de investigação didática. Em estudos mais recentes, Heinz, Domingues e Parisotto (2022) apresentam os simuladores empresariais como metodologia ativa, e Torga *et al.* (2018) mostram que simulações financeiras também podem favorecer discussões sobre vieses e comportamentos decisórios. Na mesma linha, recursos mais simples - como planilhas estruturadas, calculadoras e aplicativos gratuitos - podem produzir aprendizagem relevante, desde que vinculados a objetivos pedagógicos bem definidos.

Uma contribuição recorrente desses recursos está na possibilidade de converter conceitos em situações que exigem ação,

análise e interpretação. Noções como rentabilidade, risco, liquidez, prazo, custo de oportunidade e resultado operacional deixam de surgir apenas como definições isoladas e passam a ser observadas em cenários construídos ou manipulados pelos próprios estudantes. Nessa dinâmica, o erro deixa de ser visto apenas como resultado negativo e passa a funcionar como oportunidade de revisão, pois obriga o aluno a reconsiderar premissas, reorganizar o raciocínio e explicitar melhor os critérios utilizados.

Quadro 1 – Síntese de usos didáticos de ferramentas de aprendizagem em finanças.

Ferramenta	Contribuição didática
Jogos, quizzes e estudos de caso	Ampliam a integração entre áreas, reflexão e tomada de decisão.
Planilhas de caixa e orçamento	Apoiam planejamento, projeção de cenários e controle de recursos.
Carteira virtual, simuladores e calculadoras	Favorecem análise de risco, retorno e justificativa da decisão.

Fonte: elaborado pelo autor (2026).

3.3 Contribuições para Administração e Contabilidade

Nas disciplinas de Administração, esses recursos podem apoiar conteúdos relacionados a orçamento empresarial, finanças corporativas, mercado financeiro e empreendedorismo. Em Contabilidade, sua utilidade aparece na articulação entre demonstrações contábeis, custos, controladoria e análise econômico-financeira.

Nos dois campos, o ponto mais relevante é que a informação financeira passa a ser tratada como base para julgamento e escolha, e não apenas como conteúdo a memorizar ou cálculo a repetir.

Outro efeito importante dessas ferramentas diz respeito ao acompanhamento da aprendizagem. Em vez de observar somente a resposta final, o professor pode examinar as premissas adotadas pelo estudante, a coerência entre objetivo e estratégia, a disposição para rever caminhos e a consistência das justificativas apresentadas. Isso amplia as possibilidades de avaliação e aproxima o processo formativo de competências efetivamente exigidas de administradores e contadores em contextos profissionais.

O relato de Mendes-da-Silva (2024) sobre inovação no ensino de finanças reforça essa discussão ao sugerir que o engajamento tende a crescer quando a atividade faz sentido para o estudante e não se reduz à mera exposição de conteúdo. Essa observação dialoga com o que já haviam apontado Santos (2003), Motta e Quintella (2012) e Mrtvi et al. (2017), segundo os quais experiências de caráter vivencial costumam produzir resultados mais consistentes quando acompanhadas de mediação docente, devolutiva qualificada e momentos de reflexão coletiva sobre o percurso realizado.

A escolha do recurso, contudo, precisa

considerar o contexto em que a atividade será desenvolvida. Acessibilidade, custo, infraestrutura disponível, familiaridade tecnológica da turma e aderência ao conteúdo trabalhado são fatores que influenciam diretamente o resultado pedagógico. Em muitas situações, uma planilha bem estruturada ou uma calculadora financeira simples produz aprendizagem mais consistente do que plataformas sofisticadas, mas pouco transparentes para o estudante.

Por essa razão, antes de propor a atividade, convém explicitar o problema financeiro a ser enfrentado, os indicadores que merecem atenção, os critérios de avaliação e os limites do recurso empregado. Quando tais elementos não são esclarecidos, a prática corre o risco de ser percebida apenas como jogo, curiosidade tecnológica ou exercício mecânico. Quando há orientação adequada, contudo, o uso de planilhas de registro, pequenos relatórios analíticos e debates posteriores tende a aprofundar a compreensão do conteúdo.

Em turmas introdutórias, costuma funcionar melhor começar com atividades ligadas a orçamento, juros compostos, equivalência de taxas e planejamento de investimentos, porque esses temas tornam mais visível a relação entre conceito e aplicação. Já em componentes mais avançados, é possível trabalhar cenários envolvendo carteira de ativos, risco,

financiamento e comparação entre alternativas de alocação. O essencial é que haja uma sequência didática compreensível: primeiro o estudante entende a lógica do conceito, depois experimenta escolhas e, só então, analisa criticamente os resultados obtidos.

Na prática, isso significa evitar a adoção indiscriminada de qualquer ferramenta gratuita disponível. O recurso escolhido precisa dialogar com o objetivo da disciplina, tornar visíveis as premissas mobilizadas pelo estudante e gerar informações que permitam análise posterior. No campo das finanças, isso envolve trabalhar com ambientes que explicitem taxas, fluxos, variáveis e indicadores, e não apenas com interfaces que exibem respostas prontas sem revelar o raciocínio subjacente.

3.4 Critérios para seleção e uso de ferramentas gratuitas

Na escolha desses recursos, três pontos merecem atenção. O primeiro é a pertinência pedagógica, isto é, a relação efetiva entre a ferramenta e o conceito que se deseja trabalhar. O segundo é a clareza do próprio recurso: o estudante precisa perceber de onde vêm os resultados e quais variáveis estão em jogo. O terceiro diz respeito ao acompanhamento da atividade, já que o professor precisa ter condições de observar o percurso da turma, registrar dificuldades e

oferecer devolutiva.

3.5 Limites e condições de uso

Mesmo com esse potencial, o uso de ferramentas gratuitas exige cautela. Um problema recorrente aparece quando o recurso digital vira o centro da aula e o conteúdo perde espaço. Sem planejamento, sem vínculo com o plano de ensino e sem mediação docente, a atividade pode ficar restrita ao efeito de novidade e deixar em segundo plano aquilo que realmente deveria ser aprendido.

Também há limites bastante concretos. Tempo disponível, infraestrutura da instituição, acesso dos estudantes aos equipamentos e familiaridade da turma com a ferramenta interferem diretamente no resultado da proposta. Em classes iniciantes, recursos excessivamente complexos tendem a gerar dispersão ou insegurança. Por isso, muitas vezes um material simples, bem conduzido e claramente explicado produz efeito didático melhor do que uma plataforma mais sofisticada.

Em razão disso, essas ferramentas não substituem leitura, estudo conceitual, resolução orientada de problemas nem discussão teórica. Elas funcionam melhor como complemento do percurso formativo, oferecendo ao estudante oportunidades de experimentar decisões, revisar hipóteses e interpretar consequências. Quando associadas

a registros reflexivos, retorno do professor e critérios de avaliação bem definidos, tornam-se um apoio consistente ao ensino superior.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De modo geral, a revisão indica que ferramentas de aprendizagem em finanças podem aproximar o conteúdo acadêmico de situações concretas de decisão sem exigir, necessariamente, estruturas complexas ou alto investimento institucional. Seu valor pedagógico aparece com mais nitidez quando ajudam o estudante a acompanhar resultados, reconsiderar premissas e relacionar conceitos financeiros a problemas frequentes na formação em Administração e Contabilidade.

Ainda assim, o simples fato de a ferramenta ser gratuita, digital ou acessível não garante bons resultados. A contribuição didática depende de planejamento, mediação docente, adequação ao nível da turma e coerência entre objetivo, atividade e avaliação. Por isso, esses recursos devem ser entendidos como parte de uma estratégia mais ampla de ensino. Pesquisas futuras podem avançar com aplicações empíricas em turmas de graduação, comparando aprendizagem percebida, desempenho e retenção de conteúdo.

REFERÊNCIAS

ABREU, C.; DELFINO, G. M.; ARAUJO, F. O. de. Alfabetização financeira no ensino

superior: uma análise do nível de conhecimento de alunos e a contribuição da instituição. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 30, e24029, 2024. DOI: 10.1590/1516-731320240029. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1516-731320240029>. Acesso em: 10 abr. 2026.

HEINZ, D.; DOMINGUES, M. J. C. de S.; PARISOTTO, I. R. dos S. Uso de simuladores empresariais no ensino de administração: relatando a experiência e avaliando os resultados. **Revista Internacional de Educação Superior**, Campinas, v. 9, e023002, 2022. DOI: 10.20396/riesup.v9i00.8660200. Disponível em: <https://doi.org/10.20396/riesup.v9i00.8660200>. Acesso em: 10 abr. 2026.

MENDES-DA-SILVA, W. Golfe como inovação no ensino de finanças: relato de uma experiência pioneira. **Revista de Administração Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 1, e230075, 2024. DOI: 10.1590/1982-7849rac2024230075.por. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-7849rac2024230075.por>. Acesso em: 10 abr. 2026.

MOTTA, G. da S.; QUINTELLA, R. H. A utilização de jogos e simulações de empresas nos cursos de graduação em administração no estado da Bahia. REAd. **Revista Eletrônica de Administração**, Porto Alegre, v. 18, n. 2, p. 317-338, 2012. DOI: 10.1590/S1413-23112012000200002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s1413-23112012000200002>. Acesso em: 10 abr. 2026.

MRTVI, V. de O. et al. Jogos de empresas: abordagens ao fenômeno, perspectivas teóricas e metodológicas. **Revista de Administração Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, p. 19-40, 2017. DOI: 10.1590/1982-7849rac2017150212. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-7849rac2017150212>. Acesso em: 10 abr. 2026.

POTRICH, A. C. G.; VIEIRA, K. M.; CERETTA, P. S. Nível de alfabetização financeira dos estudantes universitários: afinal, o que é relevante? **RECADM: Revista Eletrônica de Ciência Administrativa**, Curitiba, v. 12, n. 3, p. 315- 334, 2013. DOI: 10.5329/RECADM.2013025. Disponível em: <https://doi.org/10.5329/recadm.2013025>. Acesso em: 10 abr. 2026.

POTRICH, A. C. G.; VIEIRA, K. M.; KIRCH, G. Determinantes da alfabetização financeira: análise da influência de variáveis socioeconômicas e demográficas. **Revista Contabilidade & Finanças**, São Paulo, v. 26, n. 69, p. 362-377, 2015. DOI: 10.1590/1808-057X201501040. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1808-057x201501040>. Acesso em: 10 abr. 2026.

SANTOS, R. dos. Jogos de empresas aplicados ao processo de ensino e aprendizagem de contabilidade. **Revista Contabilidade & Finanças**, São Paulo, n. 31, p. 78-95, 2003. DOI: 10.1590/S1519-70772003000100006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s1519-70772003000100006>. Acesso em: 10 abr. 2026.

SAVOIA, J. R. F.; SAITO, A. T.; SANTANA, F. de A. Paradigmas da educação financeira no Brasil. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 41, n. 6, p. 1121-1141, 2007. DOI: 10.1590/S0034-76122007000600006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0034-76122007000600006>. Acesso em: 10 abr. 2026.

TORGA, E. M. M. F. et al. Finanças comportamentais e jogos: simulações no ambiente acadêmico. **Revista Contabilidade & Finanças**, São Paulo, v. 29, n. 77, p. 297-311, 2018. DOI: 10.1590/1808-057X201804830. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1808-057x201804830>. Acesso em: 10 abr. 2026.

VIEIRA, K. M.; MOREIRA JUNIOR, F. de J.; POTRICH, A. C. G. Indicador de educação financeira: proposição de um instrumento a partir da teoria da resposta ao item. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 40, e0182568, 2019. DOI: 10.1590/ES0101-73302018182568. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/es0101-73302018182568>. Acesso em: 10 abr. 2026.